

ALLISON PEARSON

não sei como
ela dá conta

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2021



VERUS
EDITORA

Esconde de todos quem eu sou, e sê meu ajudante,
pois esse disfarce, se der certo,
vai tornar-se a própria forma de meu intento.

WILLIAM SHAKESPEARE, *Noite de reis*

Ninguém te fala sobre a vulva careca.

WHOOPI GOLDBERG

PRÓLOGO

Prazo para a invisibilidade: seis meses e dois dias

O engraçado é que eu nunca me preocupei em envelhecer. A juventude não foi muito gentil comigo a ponto de me importar com o fato de perdê-la. Eu achava que mulheres que mentiam a idade fossem superficiais e iludidas, mas isso não significava que eu não tinha vaidade. Eu sabia que os dermatologistas estavam certos quando diziam que um creme barato era tão bom quanto aqueles elixires da juventude em embalagens extravagantes, mas eu comprava o caro mesmo assim. Digamos que por segurança. Eu era uma mulher competente e só queria ter uma boa aparência para a minha idade, mais nada — a idade realmente não importava. Pelo menos era o que dizia a mim mesma. E então eu envelheci.

Veja bem, estudei os mercados financeiros durante metade da vida. Esse é o meu trabalho. Conheço o negócio: meu valor sexual estava caindo, rumo ao colapso total, a menos que eu fizesse algo para reerguê-lo. A outrora orgulhosa e bastante atraente Kate Reddy Inc. lutava contra uma aquisição hostil

de seus encantos. Para piorar a situação, o mercado emergente esfregava isso na minha cara todos os dias no cômodo mais bagunçado da casa. O estoque de feminilidade da minha filha adolescente aumentava, enquanto o meu diminuía. Era exatamente o que a Mãe Natureza pretendia, e eu me orgulhava da minha linda menina, de verdade. Mas às vezes essa perda podia ser dolorosa — terrivelmente dolorosa. Como na manhã em que topei com um cara de cabelo incrível e desgrenhado como o do Roger Federer na linha do metrô Circle Line (existe algum tipo melhor?), e juro que algo se acendeu entre nós, um tipo de estática, um frisson de flerte antes que ele me oferecesse seu lugar. Não seu número de telefone, seu *lugar*.

“Humilhação total”, como diria Emily. O fato de ele nem me considerar digna de interesse foi como um tapa na cara. Infelizmente, a jovem apaixonada que vive dentro de mim e que, na verdade, pensou que Roger estivesse flertando com ela ainda não entende. Ela se vê como seu antigo eu enquanto olha para o mundo e presume que aquela é a imagem que o mundo vê quando olha para ela. Ela está loucamente esperançosa de que possa ser atraente para Roger (idade provável: trinta e um anos) porque não percebe que ela/nós agora temos uma cintura mais larga, paredes vaginais mais finas (quem poderia imaginar?) e estamos começando a pensar com muito mais entusiasmo em jardinagem e calçados confortáveis do que, digamos, na última coleção de calcinhas fio-dental da Agent Provocateur. Provavelmente, o radar erótico de Roger pôde detectar a presença da minha calcinha bege de longe.

Olha, eu estava bem. Estava mesmo. Passei pelo derramamento de óleo na estrada que foi completar quarenta anos. Perdi um pouco do controle, mas dirigi pelo trecho escorregadio como os instrutores ensinaram, e depois tudo ficou bem de novo. Não, ficou mais que bem. A Santíssima Trindade da meia-idade — bom marido, casa legal, ótimos filhos — era minha.

Então, não necessariamente nesta ordem, meu marido perdeu o emprego e entrou em sintonia com seu dalai-lama interior. Não ganhou nada por dois anos, enquanto estudava para ser terapeuta (ah, que ótimo!). As crianças entraram no furacão da adolescência exatamente na mesma época em que os avós passaram pelo que poderia se chamar de “segunda infância”. Minha sogra comprou uma motosserra com um cartão de crédito roubado (não foi tão engraçado quanto parece). Depois de se recuperar de um ataque cardíaco,

minha mãe caiu e quebrou a bacia. Fiquei preocupada achando que eu estava perdendo a cabeça, mas ela provavelmente só estava escondida no mesmo lugar que as chaves do carro, os óculos de leitura e os brincos. E aqueles ingressos do show.

Em março faço cinquenta anos. Não, não vou comemorar com uma festa, e, sim, receio admitir que estou com medo ou apreensiva (não tenho certeza de como estou, mas definitivamente não gosto disso). Prefiro não pensar na minha idade, mas aniversários importantes — do tipo que se colocam números chamativos e em relevo na frente dos cartões para sinalizar “o caminho da morte” — acabam forçando a barra. Dizem que cinquenta são os novos quarenta, mas, para o mundo corporativo, no meu tipo de trabalho, cinquenta pode ser o mesmo que sessenta, setenta ou oitenta. Por uma questão de urgência, preciso ficar mais jovem, não mais velha. Tem a ver com sobrevivência: conseguir trabalho, manter minha posição no mundo, permanecer comercializável e dentro do prazo de validade. Não deixar o barco afundar e seguir com o espetáculo. Para atender às necessidades dos que parecem precisar de mim mais do que nunca, devo fazer o tempo retroceder ou, pelo menos, obrigar essa porcaria a parar.

Com esse objetivo em mente, a preparação para o meu meio século será tranquila e totalmente previsível. Não vou demonstrar nenhum sinal de pânico. Vou deslizar em direção a ele de forma serena, sem desvios ou solavancos repentinos no caminho.

Bom, o plano era esse. Mas então Emily me acordou.

1

Loucuras na belfie

SETEMBRO

Segunda-feira, 1b37: Que sonho esquisito. Emily está chorando, está muito chateada. Tem algo a ver com uma selfie. Um menino quer vir aqui em casa por causa da sua selfie. Ela fica dizendo que está arrependida, que foi um erro, que não quis fazer aquilo. Estranho. Ultimamente a maioria dos pesadelos que tenho se passa no meu inominável aniversário e eu sempre estou invisível, conversando com pessoas que não podem me ver nem me ouvir.

— Mas nós não fizemos nenhuma selfie — digo, e no momento em que pronuncio as palavras em voz alta, sei que estou acordada.

Emily está do meu lado da cama, curvada como se estivesse orando ou protegendo um machucado.

— Por favor, não conta pro papai — ela implora. — Você não pode contar pra ele, mamãe.

— O quê? Contar o que pra ele?

Tateio às cegas a mesa de cabeceira, e minha mão encontra os óculos de leitura, óculos para longe, um hidratante e três cartelas de comprimidos antes de localizar meu celular. A tela luminosa revela minha filha usando um shortinho cor-de-rosa e uma camisola da Victoria's Secret. De um jeito bem idiota, aceitei comprá-la depois de uma briga horrível que tivemos.

— O que foi, Em? O que você não quer que eu fale para o seu pai?

Não é preciso olhar para saber que Richard ainda está dormindo. Consigo ouvir. A cada ano, o ronco do meu marido fica mais alto. Algo que começou parecendo um bando de leitões vinte anos atrás, agora é uma sinfonia completa de porcos acompanhada por instrumentos de sopro. Às vezes, quando o barulho do ronco aumenta, Rich acorda assustado, vira e começa tudo de novo. Mesmo assim, é mais difícil acordá-lo do que a um santo em um túmulo.

Richard tinha essa mesma surdez noturna seletiva quando Emily era bebê, por isso era eu que acordava duas ou três vezes de madrugada para atender às necessidades dela, achar seu paninho, trocar sua fralda e acalmá-la, só para aquele martírio recomeçar e recomeçar. Infelizmente, a intuição materna não vem com um interruptor.

— Mãe — Emily implora, segurando meu pulso.

Eu me sinto drogada. Estou drogada. Tomei um antialérgico antes de dormir porque tenho acordado na maioria das noites entre duas e três horas da manhã, toda suada, e ingeri-lo me ajuda a dormir. O remédio funciona muito bem, mas agora um pensamento, qualquer um na verdade, teima em atrapalhar aquele sono profundo. Meu corpo se recusa a se mover. Sinto meus membros pesados como chumbo.

— Maaaa-nhêêêê, por favor.

Deus, estou velha demais para isso.

— Desculpe, só um minuto, amor. Já estou indo.

Saio da cama com os pés duros protestando e abraço o corpo esguio da minha filha. Encosto a mão em sua testa. Sem febre, mas seu rosto está molhado de lágrimas. Assim como sua camisola. Sinto a umidade — uma mistura de tristeza e pele quente — através da minha, e recuo. Na escuridão, dou um beijo na testa de Em e batidinhas em seu nariz. Emily já está mais alta do que eu. Cada vez que a vejo, levo alguns segundos para me acostumar com

esse fato incrível. Quero que ela seja mais alta do que eu, porque, no mundo feminino, ser alta e ter pernas longas é bom, mas ao mesmo tempo quero que ela tenha quatro anos e seja pequena para eu pegá-la no colo e protegê-la em meus braços.

— É TPM, querida?

Ela balança a cabeça e sinto o cheiro do meu condicionador em seus cabelos, aquele caro que eu disse claramente para ela não usar.

— Não, eu fiz uma coisa muito ruuuuuuim. Ele falou que está vindo para cá. — Emily começa a chorar de novo.

— Não se preocupe, querida. Tudo bem — digo, nos guiando de forma desajeitada em direção à porta, seguindo o feixe de luz do corredor. — Seja o que for, vamos resolver, eu prometo. Vai ficar tudo bem.

E eu realmente achei que ficaria tudo bem, porque o que poderia ser tão ruim na vida de uma adolescente que sua mãe não pudesse consertar?

2h11: — Você enviou. Uma foto. Da sua bunda. Para um garoto. Ou garotos. Que você não conhece?

Emily assente, inconsolável. Ela senta em seu lugar na mesa da cozinha, segurando o telefone em uma das mãos e uma caneca dos Simpsons de leite quente na outra enquanto eu tomo chá verde, desejando que fosse uísque. Ou cianureto. *Pense, Kate, PENSE.*

O problema é que eu nem sei o que não entendi. Emily também pode estar falando outra língua. Quer dizer, estou no Facebook, em um grupo da família no WhatsApp, que as crianças criaram para nós, e tuitei ao todo oito vezes (uma, vergonhosamente, sobre Pasha Kovalev no *Dança dos famosos* depois de algumas taças de vinho), mas não conheço as outras redes sociais. Até agora, isso tem sido engraçado — uma piada familiar, algo que as crianças podiam usar para me provocar. “Você é do passado?” Essa era a piada que Emily e Ben faziam no ritmo de uma música irlandesa que haviam aprendido em uma série que eles adoram. “Você é do passado, mãe?”

Eles simplesmente não acreditavam que permaneci fiel ao meu primeiro celular durante anos: um objeto pequeno, verde-acinzentado, que vibrava no bolso como um filhotinho de rato. Ele mal conseguia enviar mensagens de

texto — não que eu imaginasse que as mandaria de hora em hora — e era preciso segurar um número para uma letra aparecer. Três letras atribuídas para cada número. Demorava vinte minutos só para digitar “Olá”. A tela era do tamanho da unha do dedão e você só precisava carregá-lo uma vez por semana. O “celular Flintstone” da mamãe, como as crianças o chamavam. Fiquei feliz em participar da gozação deles. Isso me fez sentir feliz por um momento, como a mãe relaxada e descontraída que eu sabia que nunca poderia ser. Acho que fiquei orgulhosa por esses pequenos seres aos quais dei a vida, tão pequenos e indefesos, terem se tornado tão competentes, verdadeiros especialistas nessa nova língua que parecia mandarim para mim. Provavelmente achei que fosse uma maneira inofensiva de Emily e Ben se sentirem superiores à mãe obcecada por controle, que ainda era a chefe quando se tratava de todas as coisas importantes como segurança e decência, certo?

Errado. Cara, entendi tudo muito errado. Na meia hora em que estamos sentadas à mesa da cozinha, entre soluções desesperados, Emily conseguiu me dizer que mandou uma foto do seu traseiro para a amiga Lizzy Knowles no Snapchat, porque Lizzy disse a ela que as garotas do grupo iam comparar as marcas de biquíni depois das férias de verão.

— O que é Snapchat?

— É como uma foto que desaparece depois de uns dez segundos, mãe.

— Ótimo, acabou. Então qual é o problema?

A Lizzy printou a tela do Snapchat e disse que queria colocar a foto no nosso bate-papo no Facebook, mas colocou na timeline por engano e agora essa foto *nunca, nunca mais* vai sair de lá. — Ela fala com tanto exagero que não posso evitar revirar os olhos. — *Para sempre* — Emily repete. Ao pensar nessa terrível imortalidade, sua boca se transforma em um angustiado e pesaroso O.

Demora alguns minutos para eu traduzir o que ela disse. Posso estar errada (e espero estar), mas acho que isso significa que minha amada filha tirou uma foto do seu traseiro. E, com o passe de mágica das mídias sociais, valendo-se da maldade de outra garota, essa imagem foi disseminada — se for essa a palavra que quero usar, da qual morro de medo — para todos na escola, na rua, no mundo. Todos, na verdade, inclusive o próprio pai, que está lá em cima, roncando para toda a Inglaterra.

— As pessoas acharam superengraçado — Emily fala —, porque as minhas costas ainda estão queimadas do sol que eu tomei na Grécia, então estão bem vermelhas, e o meu bumbum está megabranco, então pareço uma bandeira. A Lizzy falou que tentou excluir, mas muitas pessoas já compartilharam.

— Calma, querida, calma. Quando isso aconteceu?

— Mais ou menos umas sete e meia, mas demorei *séculos* para perceber. Você me falou para guardar o telefone durante o jantar, lembra? Meu nome estava no alto da tela, então todo mundo sabe que sou eu. A Lizzy disse que tentou apagar, mas viralizou. E ela falou: “Em, eu achei engraçado. Me desculpe”. Não quero demonstrar que estou chateada, porque todo mundo achou hilário. Mas agora todas essas pessoas descobriram o meu Face e não paro de receber mensagens terríveis. — Tudo isso sai em um grande soluço.

Eu levanto e vou até o balcão buscar um rolo de papel-toalha para Em assoar o nariz. Parei de comprar lenços de papel como parte dos recentes cortes no orçamento familiar. Medidas econômicas severas são adotadas em todo o país, e também em nossa casa, o que significa que as caixas de lenço de papel suavizados com *Aloe vera*, em tons pastel, estão fora da lista de compras. Amaldiçoo silenciosamente a decisão de Richard de aproveitar o fato de ter sido demitido da empresa de arquitetura como “uma oportunidade de crescer em algo que faça mais sentido” — ou “algo não remunerado e muito egoísta”, para ser mais dura, o que, me desculpe, é exatamente o que estou fazendo neste exato momento, pois não tenho nenhuma caixa de Kleenex para enxugar as lágrimas da nossa filha. Só quando faço uma bagunça ao rasgar o papel-toalha da cozinha na borda serrilhada, noto que minha mão está tremendo. Junto a mão direita, trêmula, com a esquerda e entrelaço os dedos de uma maneira que não faço há anos. “Aqui é a igreja. Aqui está o sino. Olhe para dentro e veja todas as pessoas.” Em costumava repetir essa frase várias vezes, pois ela adorava ver os dedos balançando na igreja.

Novo, mamãe. Faz isso novo.

Quantos anos ela tinha? Três? Quatro? Parece tão recente ainda e, ao mesmo tempo, tão distante. Meu bebê. Ainda estou tentando me orientar nesse estranho e novo país para onde minha filha me levou, mas os sentimentos não cessam. Descrença, aversão, um vestígio de medo.

— Compartilhar uma foto da sua bunda? Ah, Emily, como você pôde ser tão idiota? — (Esse é o medo de que se transforma em raiva ali mesmo.)

Ela assoa o nariz no papel-toalha, o amassa e me entrega de volta.

— É uma belfie, mãe.

— O que é uma belfie, pelo amor de Deus?

— É uma selfie do bumbum — Emily responde, como se isso fosse uma parte normal da vida, como um pedaço de pão ou um sabonete. — Uma BELFIE — ela diz, mais alto desta vez, como um turista fora de seu país, erguendo a voz para o estrangeiro burro entender.

Ah, uma belfie, não uma selfie. No meu sonho, pensei que ela havia dito “selfie”. Selfie eu conheço um pouco. Certa vez, quando meu celular virou para o modo selfie e me vi olhando para o meu rosto, recuei. Não era algo natural. Eu simpatizava com aquela tribo que se recusava a ser fotografada por medo de que a câmera roubasse a alma dela. Sei que garotas como Em vivem tirando selfies. Mas *belfies*?

— A Rihanna faz isso. A Kim Kardashian. Todo mundo faz — Emily diz, sem rodeios, com uma conhecida nota de mau humor surgindo na voz. Esse é o tipo de resposta da minha filha ultimamente. Entrar em uma boate com identidade falsa? Não fica chocada, mãe, todo mundo faz isso. Dormir na casa de uma “melhor amiga” que nunca conheci, cujos pais parecem indiferentes aos movimentos noturnos de seus filhos? Comportamento muito normal, ao que parece. Seja o que for que eu vá contestar, preciso relaxar, porque todo mundo faz. Será que estou tão por fora de tudo que sair por aí distribuindo fotos da bunda se tornou algo socialmente aceitável?

— Emily, pare de mandar mensagens, tudo bem? Me dê esse telefone. Você já está com bastante problemas. — Arranco a porcaria das mãos dela, e Em se inclina na mesa para pegá-lo de volta, mas não antes de ver uma mensagem de alguém chamado Tyler:

Vc tem uma bunda perfeita pra me deixar duro!!! 😊

Meu Deus, um idiota aqui do bairro está falando sacanagem para o meu bebê. E escreve “vc” em vez de “você”? O garoto não é só indecente, mas

também analfabeto. A professora de gramática que mora dentro de mim aperta suas pérolas e estremece. *Pare com isso, Kate. Que tipo de pensamento é esse? Algum babão está enviando mensagens de texto pornográficas para sua filha de dezesseis anos e você está preocupada com a ortografia dele?*

— Olha, querida, acho melhor ligar para a mãe da Lizzy para falar sobre o que...

— Nãããooo. — O grito de Emily é tão penetrante que Lenny sai da cesta e começa a latir para ver quem a machucou. — Você não pode fazer isso — ela choraminga. — Ela é minha melhor amiga. Você não pode ferrar a Lizzy.

Olho para o rosto inchado da minha filha, o lábio inferior em carne viva de tanto morder. Ela realmente acha que a Lizzy é a sua melhor amiga? Está mais para bruxinha manipuladora. Não confio em Lizzy Knowles desde que ela disse para Emily que ela podia levar dois amigos para ver Justin Bieber na O2 no aniversário dela. Minha filha estava superanimada. Então a garota avisou que ela era a primeira reserva. Eu mesma comprei um ingresso para a Em ir ao show a um preço absurdo para protegê-la daquela lenta hemorragia de exclusão, aquele sangramento de autoconfiança que só garotas podem fazer umas com as outras. Garotos são muito amadores quando se trata de rancor.

Penso tudo isso, mas não falo. Não posso esperar que minha filha lide com a humilhação e a traição em uma mesma noite.

— Lenny, volte para o cesto, garoto. Ainda não está na hora de levantar. Deite. Isso, bom garoto. Bom garoto.

Eu me acalmo e tranquilizo o cachorro — é mais fácil lidar com ele do que acalmar e tranquilizar minha filha — e Emily vai até ele e deita ao lado do cão, enterrando a cabeça no pescoço dele. Completamente sem noção, ela empina o bumbum. O shortinho rosa da Victoria's Secret não esconde mais do que a calcinha, e eu recebo o efeito das duas luas cheias do seu traseiro — o mesmo que, Deus nos ajude, agora está preservado para a posteridade em um bilhão de pixels. O corpo de Emily pode ser o de uma adolescente, mas sua confiança ainda é da criança que não faz muito tempo deixou de ser. E ainda é, de muitas maneiras. Aqui estamos nós, Em e eu, seguras em nossa cozinha, aquecidas por um fogão velho e esquisito, abraçadas ao nosso amado

cão, mas, fora desses muros, existem forças que não podemos controlar. Como devo protegê-la de coisas que não consigo ver ou ouvir? Preciso saber. Lenny fica encantado com o fato de as duas garotas da sua vida estarem acordadas a essa hora da noite. Ele vira a cabeça e começa a lamber a orelha de Em, com sua língua comprida e rosada.

O cachorro, cuja compra foi estritamente proibida por Richard, é meu terceiro filho, também estritamente proibido por Richard. (Os dois, eu admito, não possuem nenhum parentesco.) Eu peguei essa confusão de patas macias e grandes olhos castanhos logo após nos mudarmos para essa casa antiga, caindo aos pedaços. Um pouco de incontinência não poderia fazer mal ao lugar, pensei. Os tapetes que herdamos dos proprietários anteriores estavam imundos e enviavam sinais de poeira enquanto atravessávamos os cômodos. Eles teriam que ser substituídos, embora só depois da cozinha, do banheiro e de todas as outras coisas que precisavam ser substituídas primeiro. Eu sabia que Rich ficaria chateado pelas razões acima, mas eu não me importava. A mudança de casa tinha sido desgastante para todos nós, e Ben implorava por um cachorro havia muito tempo — ele me mandava cartões de aniversário todos os anos, apresentando uma lista de cães adoráveis e suplicantes. E agora que já tinha idade suficiente para não querer que sua mãe o abraçasse, concluí que ele acariciaria o filhote, e eu também abraçaria o filhote, e de alguma forma, em algum lugar no meio disso tudo, eu tocaria meu filho.

A estratégia foi um pouco fofa e não muito organizada, assim como o recém-chegado, mas funcionou lindamente. Qualquer que seja o oposto de um saco de pancadas, esse é o papel de Lenny em nossa família. Ele recebe todos os cuidados das crianças. Para um adolescente, cuja sorte diária é descobrir o quão antipáticos e esquisitos eles são, ganhar um cão é algo adorável e descomplicado. E eu também amo o Lenny, realmente o amo tanto que tenho até vergonha de admitir. É muito provável que ele preencha alguma lacuna na minha vida na qual nem quero pensar.

— A Lizzy disse que foi um acidente — Em fala, estendendo a mão para eu puxá-la. — A belfie seria só para as garotas do nosso grupo, mas ela postou por engano onde todos os outros amigos puderam ver. Ela apagou assim que percebeu, mas era tarde demais, muita gente já tinha compartilhado.